

TIRADENTES E A INCONFIDÊNCIA

(*) *AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR*

1. PERFIL DE TIRADENTES

Alguns quilômetros abaixo de São João Del Rei, à margem direita do Rio das Mortes, existia outrora uma propriedade de mineração e tratos agrícolas que se denominava Sítio do Pombal e pertencia à jurisdição civil e eclesiástica da Vila de São José do Rio das Mortes, que é hoje a Cidade de Tiradentes.

A casa era espaçosa e de dois pavimentos, sendo os cômodos de morada na parte superior e os de baixo destinados à guarda de carros, depósito de ferramentas, bateias e a necessária oficina de ferreiro, para aprontar instrumentos de trabalho, inclusive ajustar as rodas dos carros de bois.

Ao seu lado, fazendo corpo com a casa, para a qual dava entrada um largo alpendre, estava o oratório de família, uma pequena Capela dedicada à Nossa Senhora da Ajuda. A uns quarenta passos, encontravam-se as senzalas e cozinhas coletivas, indo aí ter uma telha de água encanada em troncos de coqueiro caranaíba, divididos ao meio, água essa que também servia à casa de morada dos donos. Senzalas, cobertas para animais, um moinho a cem passos, eis aí uma reconstituição sumária feita sobre o terreno, o que seria o Sítio do Pombal, por volta de mil, setecentos e quarenta e seis.

Numerosa escravatura se entregava aos trabalhos de mineirar, como se pode verificar pelo inventário procedido por ocasião da morte da mulher do proprietário em 1756, onde são relacionados, ainda, alavancas, machados, rodas de ferro do molinete etc.

A casa da fazenda estava próxima do Rio das Mortes em sua margem direita e segundo as informações do tempo, além das árvores de espinho, como se denominavam as laranjeiras e limoeiros, havia outras de utilidade.

A paisagem, de um lado, deitava para as margens que se estendiam para cima e para baixo do curso do rio; aos fundos estendia-se a alcantilada Serra de São José, riquíssima de ouro de beta e de aluviões fartos.

(*) *Augusto de Lima Júnior, historiador, Pesquisador "Honoris Causa" da Polícia Militar.*

Em canoa, atravessava-se o rio para tomar a estrada que levava à Vila de São João del-Rei. Para São José do Rio das Mortes, o caminho beirava a margem direita do rio, deixando-a depois para galgar alguns serrotes antes de atingir o lado de trás da Matriz de Santo Antônio.

Era dono dessa fazenda o minerador Domingos da Silva dos Santos, filho de André da Silva e de Dona Tereza da Mota, moradores no lugar de Coduzoso, Freguesia de Santo André, Couto de Nossa Senhora da Oliveira, do Termo de Vila Nova do Frecheiro, Arcebispado de Braga.

Esse Domingos da Silva dos Santos era homem de instrução e foi um dos bons camaristas da Vila de São José do Rio das Mortes, em cuja Matriz se casou em 1738 com Dona Antônia da Encarnação Xavier, natural daquela Vila, nascida em abril de 1721, filha do português Domingos Xavier Fernandes e de Dona Maria de Oliveira e Sá, natural de São Paulo.

Domingos Xavier Fernandes, também exercera o cargo de Procurador dos Reais Quintos, quando habitava o Arraial do Bichinho, Distrito da Vila de São José. Como se verifica, era a família de Domingos da Silva dos Santos, além de abastada, das melhores da Capitania. O casal Domingos da Silva dos Santos — Antônia da Encarnação Xavier teve sete filhos que, por ocasião da morte de Antônia, em 1775, eram os seguintes: Domingos, com quinze anos; Maria, com doze; Antônio, com dez; Joaquim José, com oito; José, com seis; Eufrásia, com três; Antônia, com um ano e meio.

No inventário a que se procedeu por morte de Antônia, o espólio foi avaliado em dez contos, quatrocentos e oitenta mil réis, incluindo o Sítio do Pombal, com sua casa de morada coberta de telhas e suas dependências, com a Ermida de Nossa Senhora da Ajuda e suas imagens, terras minerais, de cultura e campos de criar, além de trinta e cinco escravos, ferramentas e animais.

Foi na família de sua mulher que encontrou Domingos da Silva dos Santos o necessário auxílio para criar os filhos que lhe deixara a companheira. Foram as crianças levadas para a Vila de São José, onde ficaram em companhia de suas tias, enquanto Domingos dos Santos continuou a trabalhar no Sítio do Pombal para matelas.

Joaquim José da Silva Xavier, quarto filho do casal, nascera em 16 de agosto de 1746, e fora batizado na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo, conforme o registro paroquial seguinte: "Livro de Assentos da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, dos anos de 1742 a 1746 — Página 51.

— Aos 12 dias do mês de novembro de mil, setecentos e quarenta e seis, na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo, filial desta Paróquia de São João del-Rei, o Reverendo Padre João Gonçalves, Capelão da dita Capela, batizou e pôs Santos Óleos a Joaquim, filho legítimo de Domingos da Silva dos Santos e de Antônia da Encarnação Xavier. Foi padrinho Sebastião da Silva Leitão e não teve madrinha. O Coadjutor Jerônimo da Fonseca Alves."

A advertência de não ter madrinha significa que essa era dispensada quando a criança era consagrada a Nossa Senhora. No caso, a madrinha do pequeno Joaquim José teria sido Nossa Senhora da Ajuda, da Ermida da casa paterna.

A presença de Sebastião da Silva Leitão como padrinho do futuro inconfidente explica como ele adquiriu a profissão que exerceu algum tempo, como ganha-pão

e que depois, já soldado e Alferes da Cavalaria, continuou a praticar como caridade para com os sofredores.

Sebastião da Silva Leitão era licenciado em cirurgia e praticava o ofício, além de possuir bem rendoso estabelecimento de mineração. Em 1767, reclamou contra perseguição que lhe moveu um concorrente que não tinha licença régia nem capacidade para curar, conforme atestaram muitas pessoas.

Dos demais irmãos de Joaquim José, dois foram Padres: Domingos Xavier e Antônio da Silva dos Santos que se ordenaram sacerdotes em Mariana. O Padre Domingos foi missionário no presídio do Cuieté, levantando naquele sertão bravo a primeira capela. O outro, o Padre Antônio, depois de permanecer algum tempo em São João del-Rei, foi nomeado Capelão da Ressaca, no caminho do Rio de Janeiro, o que logo abandonou para dedicar-se à vida de lavrador e hospedeiro na Fazenda do Castelo, que ainda existe junto a antiga estrada de rodagem na Mantiqueira.

Pouco se sabe dos primeiros anos de vida de Joaquim José. É certo que estudou as primeiras letras com o Padre Gonçalves Chaves que o batizara. Trabalhou na fazenda paterna até a morte do pai, o que teria ocorrido em 1761, quando ainda estavam em habilitação canônica, para receberem ordens sacras, seus dois irmãos, Domingos e Antônio. Não se sabe quem teria exercido a tutoria do menor Joaquim José, mas é muito provável que tenha sido o seu padrinho. É certo que, aos quatorze anos, ele já andava empregado no serviço de tropas de carga que iam ao Rio de Janeiro ou à Bahia, fazendo essas penosas travessias de sertões que ele depois, como militar, demonstrava conhecer tão profundamente.

Nas demoras naturais durante as estações chuvosas, teria continuado a sua aprendizagem de cirurgia com seu padrinho Sebastião Leitão, ou no Rio de Janeiro, pois o seu temperamento indagativo e curioso de tudo aprender muito o teria estimulado a essa atividade que lhe deu a alcunha.

Em 1767, já o encontramos trabalhando como comissário-comercial, por conta própria, fazendo viagens entre as Vilas de São João e São José, o Rio de Janeiro e o Norte de Minas, levando e trazendo cargos de comitentes.

Pouco tempo andou Joaquim José, em atividades comerciais com a sua pequena tropa de bestas de carga, comprando, vendendo e exercendo as suas atividades de dentista e médico, nas quais era habilíssimo. Entre outros muitos depoimentos da competência com que Joaquim José exercia o seu mister, existe o de Frei Raimundo de Penaforte, frade franciscano do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro e que figura entre os presentes à execução de 21 de abril de 1792.

Escreve ele, na sua famosa RELAÇÃO CIRCUNSTANCIADA etc., que "o Alferes tirava com efeito, dentes, com a mais sutil ligeireza, e ornava a boca de novos dentes feitos por ele mesmo, que pareciam naturais".

Numa dessas viagens, foi o então jovem tropeiro até Minas Novas, de passagem para a Bahia.

Lá chegando, encontrou, no rancho onde se abrigavam os viajantes, um mercador de escravos. Vendo os tratos cruéis que o perverso indivíduo infligia a um desses desgraçados entes, sujeitando-o a torturas e que, quase agonizante, ainda era pisado pelo malvado sujeito, Joaquim José investiu contra ele derrubando-o e procurando impedir a continuação do bárbaro espetáculo.

Travou-se luta corporal entre Joaquim José e o façanhudo comboieiro de

negros, e afinal sendo presos ambos, livrou-se o desalmado, enquanto Joaquim José ficava detido e processado, perdendo por furtos e por despesas bem arranjadas de custas tabelioas, os animais cargueiros que constituíam seu meio de vida.

Voltando a Vila Rica sem recursos tentou novamente negociar. Mas, sem crédito e sem dinheiro, teve de desistir.

Partiu então para o Rio de Janeiro, assentando praça de soldado no Esquadrão de Cavalaria da Guarda dos Vice-Reis. Muito inteligente e ativo, seguiu com os reforços para a Ilha de Santa Catarina e tomou parte nas lutas contra o invasor Cebalos.

Juntamente com outro mineiro, como ele, José da Silva Brandão, da Guarda dos Vice-Reis, conduziu reforços para aquelas posições portuguesas, o que lhe valeu, bem como ao seu companheiro, serem promovidos a Alferes e incorporados ao Regimento Regular da Cavalaria de Minas que acabava de ser criado por Dom Antônio de Noronha.

Em Vila Rica, no Serro do Frio, nas rondas dos matos, estava Joaquim José sempre em grandes trabalhos, continuando em suas folgas a praticar o ofício de médico e dentista, aprendendo com os velhos profissionais dos quais se fazia amigo, por seu temperamento prestativo e amável. Já o conheciam por O TIRADENTES. Possuía a caixa de "ferrinhos" e com ela no bolso, onde chegava ou por onde passasse, lá estava ele dando alívio às dores de dentes, ou curando feridas com seus emplastos de ervas ou os diversos males com as "águas misteriosas", ou drogas medicinais que ele e seus conhecidos preparavam.

Era seu sócio em Vila Rica o Padre Francisco Ferreira da Cunha, que assistia na botica que mantinham numa casa junto da ponte do Rosário, e onde por ocasião do seqüestro se encontraram muitos livros de medicina pertencentes a Tiradentes.

Logo depois de sua inclusão no Regimento de Cavalaria de Minas, recebeu o encargo de reconstruir o caminho para o Rio de Janeiro, conforme lhe foi determinado pelo Governador de Minas, Dom Rodrigo José de Menezes.

O inteligente oficial fez obra inteiramente nova entre as partes baixas da Serra da Mantiqueira e a passagem do Rio Paraíba, construindo, inclusive, um porto para canoas — o Porto do Menezes — abrigos e passagens melhores. Acompanhou Dom Rodrigo nas expedições ao Itamarandiba e ao Cuieté; fez, por ordem deste, um levantamento completo dos moradores da Mantiqueira e das cabeceiras do Rio Preto, até sua foz no Paraíba.

Esteve várias vezes mobilizado para operações de guerra no Sul do Brasil e para lá conduziu muitos contingentes de socorro mandados do Rio de Janeiro contra invasões castelhanas.

Existem documentos muito expressivos da confiança na honradez e capacidade do Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

Tendo sido o Sargento-mor do Regimento de Cavalaria, Pedro Afonso Galvão de São Martinho, encarregado de estudar o aproveitamento das terras proibidas de nelas se minerar; abrirem picadas e serviços, como supostas reservas de ouro e diamantes, terras estas situadas a Leste da Capitania, nos Vales dos Rios Paraíba e Pomba, solicitou o referido Sargento-mor que em sua companhia fosse o Alferes Joaquim José, o qual se encontrava então em uma "ronda no Mato", isto é, percorrendo as partes da Capitania onde era proibida a entrada de aventureiros ou novos

moradores, a fim de se impedir a extração clandestina de ouro e diamantes.

Resolvida a penetração dessas regiões proibidas, foi organizada uma expedição tendo como chefes o Coronel de Auxiliares Manuel Rodrigues da Costa e o Sargento-mor Pedro Afonso Galvão de São Martinho, indo o Alferes Joaquim José como perito, "por ser conhecidamente dotado de inteligência mineralógica".

Afinal, tudo quanto se teria de praticar ficou a cargo do Alferes, pois que nas instruções que a este foram dadas, se encontram as provas de sua capacidade, inclusive de levantar plantas dos terrenos e observar coordenadas geográficas.

Eram o Coronel e o Sargento-mor figuras decorativas e beneficiárias dos serviços que iria realizar o Alferes Joaquim José. Nas instruções datadas de Vila Rica em 16 de abril de 1784, assinadas pelo Governador Luís da Cunha Menezes, verifica-se que eram as seguintes as obrigações da expedição:

"Levantar plantas dos terrenos, tirar configurações cosmográficas e geográficas dos terrenos mesmos."

Alguns anos depois, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, estando no Rio de Janeiro onde servira tantos anos, lutando a cidade com a falta d'água, depois de percorrer os arredores, traçou um projeto devidamente instruído com plantas e cálculos, entregando-o ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos, que os remeteu para Lisboa à decisão régia.

Segundo os planos de Tiradentes, os Rios Andaraí e Maracanã podiam ser canalizados e trazidos até o centro da cidade, para o abundante abastecimento de água, que se tinha tornado insuficiente, por estar já esgotada a capacidade das fontes já captadas que eram as das Serras do Corcovado. Na mesma representação, com uma visão de estadista, o Alferes Joaquim José propunha a construção de armazéns para a guarda de mercadorias que, desembarcadas, ficavam nas praias, ao tempo; sujeitas ao sol e às chuvas, além de furtos que sofriam.

Diante da exploração que muitos proprietários de moinhos faziam com abusos de preços na moagem e fraude nas trocas com os moradores que não dispunham de seus próprios engenhos, pretendeu, ainda, o Alferes Joaquim José, construir uma série deles, aproveitando-se dos desníveis dos córregos Caboclas, Laranjeiras, Andaraí, Maracanã e Trapicheiro, a fim de facilitar ao povo os seus alimentos.

Como já nesse tempo havia poderosos que manobravam as coisas contra o interesse público, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, a quem foi entregue o estudo do plano, negou a permissão e desatendeu a todos os recursos de Tiradentes, sem examinar suas razões claras e irretorquíveis, alegando, apenas, inconveniência, sem explicar qual era. Pois com toda essa atividade constante e profícua, não faltava ao Alferes Joaquim José o tempo para estudar os assuntos que ele entendia serem de interesse para sua terra. Tinha o que hoje denominamos e raramente encontramos: "espírito público".

Iniciado na Maçonaria, tomava parte nas reuniões dela no Rio de Janeiro, e pregava suas idéias onde quer que se encontrasse.

Dotado de um grande poder de persuasão, exercia indiscutível domínio sobre aqueles dos quais se aproximava, fossem homens de alguma cultura, ou fosse gente rústica do trabalho.

De estatura acima do normal, de raça branca pura, sem mistura de "mouro, judeu, mulato ou outra infecta nação", conforme está escrito no processo de habilita-

ção canônica de seus irmãos para ordenação sacerdotal, Tiradentes era um belo homem.

Rosto comprido, longos cabelos acastanhados, olhos com ligeiro estrabismo divergente, de onde lhe veio a expressão de "olhar espantado" que empregou Alvarenga referindo-se a ele; rosto glabro, como era de costume no tempo e de rigorosa obrigação militar, Tiradentes não foi apenas uma bela figura humana, sob seu aspecto moral e heróico, mas, também, um magnífico exemplar dessa raça mineira, dura e resistente, tenaz e boa, que se constituiu na luta das aventuras de ouro e dos diamantes.

Eloqüente na pregação de suas idéias, defendeu-as até a morte, sem recuar delas por nenhuma conveniência. Nem torturas de fome, sede e frio nos cárceres, nem as ameaças de castigos físicos que ele enfrentou e talvez mesmo os tivesse sofrido, nada o deteve nessa escalada para a glória que se consagrou na sua alcunha de Tiradentes.

Frei Raimundo de Penaforte, que assistiu à sua execução no patíbulo, assim se expressou sobre ele: "Foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a própria natureza. Entusiasta com o aferro de um quóquer, empreendedor com o fogo de um Dom Quixote, habilidoso com um desinteresse filosófico, afoito e destemido, sem prudência às vezes e outras temeroso ao cair de uma folha, mas o seu coração era bem formado".

O Padre Manuel Rodrigues da Costa que fez parte da conjuração de 1789 e que bem conhecia Tiradentes, que fora seu hóspede, muitas vezes, na Fazenda do Registro Velho, declarou ao Cônego Joaquim Camilo de Brito que "o que no Tiradentes mais se notava era a temeridade que ele embalde tentou refrear, ponderando-lhe suas perigosas conseqüências. Às suas observações respondia em ar de plena segurança: — Não há de ser nada! Deus está conosco!"

O Padre Inácio Nogueira, contemporâneo e amigo de Tiradentes, dizia que "ele seria digno, em outro país, das atenções do Governo. O único crime que tinha era amar a pátria e querer vê-la livre do despotismo das Metrôpoles".

O Cônego Luís Vieira, seu companheiro na trama das Minas Gerais, dizia que "se houvesse muitos como o Tiradentes, seria o Brasil uma república florescente".

O Cônego Soares de Araújo, figura de destaque na Capitania e professor do Seminário de Mariana, que conviveu com o Alferes Joaquim José, escreveu, nas MEMÓRIAS HISTÓRICAS DA CAPITANIA DE MINAS, que ele "desde a infância revelou viveza intelectual".

O Padre Viegas de Menezes deixou testemunho de que "era inteligente e ativo, de conversa agradável, tendo uma bela alma e um excelente coração".

O Padre Martinho de Freitas Guimarães, que fora colega dos irmãos de Tiradentes, e que o conhecia de perto, deixou escrito que "ele era um homem enérgico e destemido em crenças, mas generoso até descuidar-se de si próprio, franco e leal".

O retrato que aí fica do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, mostra que ele foi um homem de altíssima inteligência e de alma forrada de energia e bondade, inflamado no amor da Pátria. Sobre sua conduta nos dias de conspiração, escreveu o Visconde de Barbacena na carta de 11 de junho de 1789, a Martinho de Melo e Castro, Ministro da Marinha e Ultramar de Portugal, o seguinte: "O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, era o principal motor da projetada sublevação, o que mostrava maior empenho e eficácia na execução dela, e o que amotinava o povo e pretendia corromper a Tropa, já com enganosas esperanças adequadas aos interesses de cada um e do público, que se portava com um artil muito proporcionado ao objeto

de suas diligências e superior aos talentos que se lhe reconheciam.”

Estimado e prestigiado no Rio de Janeiro, conforme ficou demonstrado, querido em todos os recantos em Minas Gerais, respeitado por todos como um homem digno e de boa conduta, Tiradentes está muito longe e acima do retrato invejoso que lhe fizeram alguns historiadores, que trabalham mais com a fantasia doente ou com despeitos regionais.

Conversando com Vicente Vieira da Mota em 1788, diante das resistências que ia encontrando para o levante exclamou: — “Hei de armar uma meada tal que se não há de desembaraçar em vinte ou cem anos”... .

E convidava todos à luta pela Independência do Brasil dizendo: “Se todos quisessem, poderíamos fazer no Brasil uma grande Nação”. Deus queira que se realize esse desejo de Tiradentes, e que todos se esforcem para construir esta grande Pátria, como ele o desejou.

2. A CONJURAÇÃO DE 1789

Por volta de 1780, Vila Rica tinha em seus muros a mais aprimorada elite cultural do Brasil. Os primeiros mineradores enriquecidos mandavam educar seus filhos nas Universidades européias e a média geral dos habitantes das Minas Gerais era de um padrão elevado, tanto mais que os funcionários régios para ali mandados constituíam sem dúvida, um escol de capacidade.

Entre os Capitães-Generais que governavam Minas, alguns houve que demonstraram qualidades de estadistas e deixaram obras administrativas e política que a História reconhece, e fazendo justiça a esses nomes ilustres da fidalguia portuguesa, muitos se incorporaram, com muita honra, às nossas crônicas.

Foi no Governo de Dom Rodrigo de Menezes que se começaram a verificar publicamente as transformações espirituais que se haviam de definir na Conjuração do Tiradentes. O primeiro documento que se conhece dessa consciência de valor e capacidade que animaria os futuros conspiradores foi um poema declamado por Inácio José de Alvarenga, antigo Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes e rico proprietário de terras de minérios, que exaltou a igualdade humana e proclamou que os filhos do Brasil eram iguais aos da Europa, e que o ouro das Minas Gerais era a causa da grandeza e da força dos impérios europeus.

No Governo imediato, que foi o de Luiz da Cunha Menezes, já esses lirismos literários haviam caminhado bastante, transformando-se em revolta, pelas truculências desse Governador, que se divorciara da melhor gente da Capitania, cuja convivência mais poria em relevo o seu primarismo mental e a sua falta de escrúpulos. Surgiram as “Cartas Chilenas”.

Nesse tempo, um Alferes do Regimento de Cavalaria da Capitania já andava com a Declaração de Direitos, proclamada em Filadélfia, e entusiasmava-se com os princípios nela consagrados, afirmando que poderiam fazer no Brasil a mesma coisa que os colonos ingleses haviam praticado na América, isto é, ficarem independentes e trabalhando para si e não como dependentes da Europa. A tese do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, que ele repetia desde o começo de sua propaganda e que conservou até a hora de sua morte, nas conversas e conventículos, era que “SE TODOS QUISESSEM, PODERÍAMOS FAZER NO BRASIL UMA GRANDE NAÇÃO”.

Cláudio Manoel da Costa, poeta consagrado desde os bancos da Universidade de Coimbra; Tomás Antônio Gonzaga, Ouvidor de Vila Rica; o já referido Inácio José de Alvarenga; o Cônego marianense Luiz Vieira foram os primeiros que começaram a definir uma atitude na construção de um movimento que, lançado em Minas Gerais, se estenderia por todo o Brasil, já que no Rio de Janeiro, na Bahia e no caminho de São Paulo, o Alferes apelidado de Tiradentes havia semeado a idéia revolucionária, conquistando adeptos em todas as classes sociais. Os documentos das autoridades régias proclamam essa atividade e a genial aptidão de apóstolo desse Alferes-filósofo, e incansável espírito heróico na luta pela liberdade.

Em 1788, a conjuração já se ramificava por toda a Capitania. No Rio das Mortes, apareciam os nomes de Padre Carlos Correia de Toledo, o Sargento-mor de Auxiliares Luís Vaz de Toledo Piza, os fazendeiros José de Rezende Costa, pai e filho; na região do planalto, onde mais tarde se criaria a Vila de Barbacena, se encontravam os sócios da conjura, José Aires Gomes, o médico Dr. Domingos Vidal de Barbosa, os Padres José Lopes de Oliveira e Manuel Rodrigues da Costa, além do fazendeiro Francisco Antônio de Oliveira Lopes e os humildes colaboradores que a História consagrou pelos seus mártírios, como o alfaiate Vitoriano Gonçalves Veloso, o estalajadeiro João da Costa Rodrigues e o medidor de terras Antônio de Oliveira Lopes.

No distrito diamantino, o Padre José da Silva Rolim aprestava material e homens para o levante, enquanto nas freqüentes viagens de serviço ao Rio de Janeiro, o Tiradentes aliciava colaboradores e recursos para a luta pela independência.

O centro de tudo era Vila Rica. Ali se encontravam os chefes espirituais, ali se faziam os planos, e ali se escrevia a futura Constituição e se projetava a organização da República.

Seguiam as idéias da Declaração de Direitos, dos Estados Unidos, e iam mais além, consignando os princípios que a Revolução Francesa consagraria como os Direitos do Homem, muito depois que esses conjurados os haviam adotado, no centro deste Continente da América. José Álvares Maciel, filho do Guarda-mor de Vila Rica, viajara pela Europa e entrara em contato com os centros da Filosofia Iluminista que dominava então os espíritos cultos do mundo ocidental.

Chegando ao Rio de Janeiro em 1788, ali se encontrou com o Alferes Joaquim José, o Tiradentes, que logo o pôs ao corrente de suas idéias e encontrou nele, não só perfeita adesão ao que se tramava, como animação para os propósitos, pois que Maciel cursara engenharia e trazia, para o movimento, elementos de colaboração que muito ajudariam o êxito.

Chegando a Vila Rica, Maciel conquistou seu cunhado para a sublevação, tanto mais que Freire de Andrada sabia que dentro da revolução estavam muitos oficiais do seu Regimento. Aguardava-se uma ocasião para o levante, ou seja, um pretexto que despertasse o interesse dos ignorantes, comodistas e interesseiros, que os há em todos os tempos, e que só se movem e somente aderem ao que lhes representar ganho de dinheiros ou posições de mando.

O Visconde de Barbacena, que então governava a Capitania e que convivia com os principais conspiradores, a ponto de ser provável que estivesse, algum tempo, dentro da conspiração, trouxera ordem para pôr em execução a Derrama, isto é, cobrar as dívidas fiscais atrasadas pela evidente decadência da mineração de ouro.

Tudo pronto para o levante, eis que partia para o Rio de Janeiro, a fim de

agitar a cidade, o incansável Alferes Joaquim José. Neste meio tempo, estando no Rio das Mortes o Coronel Joaquim Silvério dos Reis, conspirando com os elementos ali moradores, verificou que, sendo devedor da Fazenda Real, se fosse vitoriosa a sublevação, nem por isso lhe seria perdoada a dívida, tendo que entrar para os cofres públicos com a quantia que arrecadara e não recolhera à Intendência do Ouro. Tratou, então, de delatar as conversas e recebeu do Visconde de Barbacena, juntamente com dois conspiradores, Basílio de Brito Malheiro e Inácio Pamplona, o encargo de vigiarem os conjurados.

Assim o fizeram esses infelizes que a História condenou à ignomínia.

Tiradentes foi preso no Rio de Janeiro no dia 10 de maio de 1789 e enforcado em 1792, a 21 de abril. Durante os interrogatórios e até o último momento, revelou uma grande energia moral, sustentou sua tese diante dos juízes, e morreu na força com um estoicismo que assombrou os que assistiram ao seu sacrifício. Seu corpo foi esquartejado e exposto em diversos pontos da estrada de Minas e sua cabeça foi fincada num poste alto na praça de Vila Rica, onde recebeu insultos dos oradores escalados pelo Visconde de Barbacena para esse triste mister.

Os demais conjurados foram degredados para a África, tendo sido o Doutor Cláudio Manuel da Costa assassinado na prisão e saqueada a sua casa e seus bens. Na base da serra do Itacolumi, desafiando o tempo, ainda se vê a Chácara do Cruzeiro, onde se reuniam nos últimos dias da conjuração, os inconfidentes, que ali prepararam os seus planos de ação e escolheram a bandeira que seria em fundo branco, tendo um triângulo vermelho e legenda "LIBERTAS QUAE SERA TAMEM".

A Inconfidência de Minas Gerais impregnou esse cenário de Ouro Preto de uma santidade cívica, que nem o tempo, nem a inconsciência dos homens conseguiu empanar.

Assim como em Minas nascem quase todos os grandes rios que banham as terras de nossa Pátria, assim das montanhas de Ouro Preto, do alto do Itacolumi, descem sobre as almas de todos os brasileiros a pregação da fraternidade que fez Tiradentes: — "SE TODOS QUISESSEM PODERÍAMOS FAZER NO BRASIL UMA GRANDE NAÇÃO".

O eminente mestre João Ribeiro fixou com precisão o caráter espiritual da Inconfidência e as suas conseqüências, nos seguintes termos:

"O número considerável de poetas que figuram entre os chefes da conspiração dá-lhe um certo caráter de elevação intelectual e teórica, que, em outras revoluções práticas, fica apenas subentendida: mas mostra que não podiam aspirar a outro papel que o de precursores".

"Tão altos exemplos nunca desaparecem, sem deixar um grande proselitismo e pode-se dizer que, desde a conjuração de Minas, nenhum homem "intelectual" do Brasil poderia estar, jamais, obrigado ao lealismo português."

"O prestígio dos inconfidentes dissipou o último trabalho dos conceitos e quebrou, ao menos para os espíritos, as cadeias da escravidão colonial."

"A consciência desse arranco que despertou as almas para a liberdade existiu, desde logo, preparando a resistência contra todas as tentativas de retorno à escravidão colonial. Vila Rica, em 1822, lutou pela independência, mas tentou fazê-la sem o Príncipe D. Pedro e, só com muita relutância, aceitou a fundação da monarquia no Brasil. Foi respeitando os sofrimentos dos que haviam proclamado a liberdade na inconfidência que Dom Pedro proclamou Minas a "heróica Província".

Tiradentes, desde o dia do seu suplício, a 21 de abril de 1792, foi consagrado na veneração pública.

Depois do seu suplício, embora a barulhada de Te-Deuns, luminárias, discursos e apologias régias, sentiram logo as autoridades que o povo se afastava de tais mostras de regozijo e que poderia praticar atos de rebeldia. Para escoltar os quartos de Tiradentes em seu transporte para Minas, escalou-se todo um Regimento de Cavalaria: o de Estremoz, que acompanhou até Vila Rica a cabeça decepada do Alferes Xavier.

O Rio de Janeiro, que era um centro de conspiração dos mais vivos, embora sendo um lugar dominado por negociantes portugueses, os teve dentro da conjura e deu unânimes provas de sua repulsa coletiva aos algozes dos inconfidentes, repelindo Joaquim Silvério. Declara o delator da Inconfidência, em carta a Martinho de Melo e Castro, Ministro do Reino, que persuadiram o povo de que eu procurava estas falsas idéias para perder os que se achavam presos inocentes, para, por este meio, me ser perdoada a dívida que eu devo a S. M.". Mais adiante, escreve: "Passaram a dar-me um tiro, de que só por milagre escapei". Além desse tiro, uma outra emboscada contra ele falhou, por falta de sorte de outra pessoa.

Conta Joaquim Silvério na carta citada que "deram à minha porta umas cutiladas em outro, cuidando que se davam em mim, por este levar um capote irmão do que eu costumava usar de noite".

Havia, pois, evidentemente, uma reação organizada contra o traidor Joaquim Silvério e, por conseguinte, uma solidariedade coletiva aos encarcerados inconfidentes. De outra maneira não se compreende a série de atentados contra ele, sem que se pudessem obter denúncias nem testemunhas. Narra ainda Joaquim Silvério que "aconteceu proximamente que, morando eu por cima de um armazém, onde estava quantidade de barris de alcatrão, introduziram em um uma mecha de pano de linho com azeite e fogo. Foi Deus servido que pelas oito horas da noite descobriu-se aquele incêndio e que se atalhou por serem ainda horas em que todos estavam em pé".

Depois se queixa ele de que todos o ultrajavam e de que "não havia uma rua da Cidade do Rio de Janeiro por onde pudesse passar sem ouvir as maiores injúrias e desatenções, sem que a elas pudesse responder, sentindo-as, porém, mais do que todos os meus trabalhos e prejuízos".

Joaquim Silvério dos Reis alude ainda ao isolamento em que era mantido pelo ódio público, escrevendo ao Ministro Martinho de Melo e Castro, que somente três pessoas na Cidade do Rio de Janeiro lhe falavam: "os dois Ministros da Devassa e o negociante Capitão Domingos José Ferreira, porque de todos os mais me vi abandonado".

As coisas em Minas, não obstante a ocupação militar pelos contingentes dos Regimentos de Bragança e Moura e pela Cavalaria da Guarda dos Vice-Reis, não corriam boas para Joaquim Silvério, abominado por todos, por ter feito ruir o plano dos conjurados.

Nem tinha coragem de lá pôr os pés. Declara que "publicando-se no Caminho de Minas que eu ia à minha Fazenda do Ribeirão, se viram emboscadas de mascarados nos matos da dita fazenda e que me esperavam para me matarem e que os mesmos, ou outros a eles unidos, tiveram a resolução de chegar a entrar nas casas da dita fazenda, para ver se eu estava nelas".

Se toda a gente estava contra Joaquim Silvério e era necessário manter tropas escolhidas em posições estratégicas, se ainda, anos depois, o Conde de Rezende

prendia os sócios e dissolvia a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, cujos estatutos secretos, apreendidos pela Devassa, exigiam dos sócios "A boa-fé e o segredo", que seria dirigida ao modo democrático e que teria como objeto principal a Filosofia", compreende-se que, mais do que uma sedição de quartel, um estreito movimento nativista, a Inconfidência foi uma expansão de sentido altamente filosófico, integrada nas correntes de idéias que dominaram o mundo civilizado no século dezoito. A Inconfidência foi, pois, um anseio coletivo de brasileiros e portugueses, que preparou a Independência do Brasil em 1822, mas que já se havia caracterizado em Portugal na revolução liberal de 1820 com as exigências democráticas de um regime constitucional. Seja lá como for, o nacionalismo é um sentimento que se não compadece nem se confunde com o nativismo mesquinho e estéril.

A Inconfidência de Minas Gerais, em 1789, foi, pois, um capítulo dos mais gloriosos da História Universal da Liberdade.

A este propósito, convém registrar o que escreveu sobre os movimentos de idéias o sociólogo francês M. D'Avenel, em seu livro DÉCOUVERTS DE L'HISTOIRE SOCIALE:

"O bem-estar não tem realmente, senão um pequeno lugar na História das Nações. Foi bastante tarde que se cuidou de pensar nele. Elas, por muito tempo, procuraram satisfações de uma outra ordem; apaixonaram-se por outras coisas e, em sua marcha lenta, as civilizações, a da Antigüidade tal como a da Idade Média, procuraram o Belo muito antes do Útil. Elas primaram em fazer estátuas ou templos, antes de fazer lâmpadas e guarda-chuvas; souberam escrever antes de aprenderem a aquecer-se e descobriram o pincel antes do garfo. Esses homens viveram para a idéia mais do que para a matéria; eles glorificaram os nomes dos guerreiros que consumaram atos heróicos, de cujas conseqüências, muitas vezes, sofreram os povos; e também os nomes daqueles que formularam pensamento ou que criaram obras de Arte, desprovidas de utilidade prática. Quanto aos nomes dos que os dotaram de invenções as mais necessárias à vida, eles os deixaram cair no esquecimento. Examinando os fatos, ao longo dos séculos, verifica-se que somente as idéias prevalecem vivas. Em nossos dias, ainda os que parecem mais aferrados, seja ao dinheiro, seja aos prazeres, que se compram com aquele, procuram no fundo, uma satisfação puramente ideal, muito mais do que uma necessidade corporal".

Foi assim que, mesmo desaparecida a opulência da Vila Rica, ela permaneceu, consagrada pelas idéias de que se tornou um símbolo. Sempre o primado do espírito. . .

3. UM EPISÓDIO DA INCONFIDÊNCIA

A estrada que ligava no século dezoito, o Rio de Janeiro à gloriosa Vila Rica, era um serpenteado entre angustiosos vales que mais se tornavam estreitos e ásperos, com a aproximação das serras que envolvem o majestoso Distrito do Ouro Preto. Entre o antigo Arraial dos Carijós e o do Ouro Branco, há, entretanto, um pequeno descampado que, excepcionalmente, é adequado à agricultura e tem, ainda, o encanto de uma formosíssima paisagem. É a Varginha do Lourenço, nome que teria sido tirado do seu remoto possuidor do período emboaba e ninguém sabe, até hoje, quem foi ele em vida. Pois nesse local, existia uma estalagem ou pouso de viajantes, numa casa típica do gênero, tal qual se encontra uma bem conservada no Arraial de São Gonçalo do Amarante, perto de Cachoeira do Campo.

Nessa estalagem da Varginha do Lourenço, assistia, ganhando sua vida e criando a sua família, um sujeito de Vila Rica de nome João da Costa Rodrigues, que dava rancho e albergue aos que por ali passavam. Esse sítio admirável foi teatro de um dos mais belos episódios da história brasileira e se não fôssemos ainda um povo sem instrução, tão descuidado das coisas do espírito, a velha casa estaria conservada para ser vista e suscitar meditações aos filhos desta terra. . .

Na antevéspera do Natal de 1788, caía a noite sobre a terra de Minas Gerais e o céu, graças a uma estiagem, estava recamado de estrelas. A natureza, refeita com as chuvas de dezembro, reverdecia desde os fundos dos vales até os cimos rochosos da serra do Ouro Branco, que nesse tempo se chamava de "Deus Te Livre". Os caminhos, porém, estavam cheios de atoleiros e escorregadios e por isso só se metiam neles os que tinham premente necessidade de fazê-lo. Na varanda da casa de pedra da estalagem situada à beira do caminho, João da Costa Rodrigues esperava que surgisse algum viajero retardatário que ainda lhe viesse pousar em casa. Um lusco-fusco da curva do caminho, avistou um cavaleiro que pelo vulto parecia ser seu conhecido. Montava um machinho rosado e falava gesticulando todo o tempo, com outro que caminhava a pé junto dele. Quando se chegaram para mais perto, viu João da Costa Rodrigues que se enganara, ao avistar, ao longe, o cavaleiro. Era o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, que todos conheciam como o Tiradentes e que era freqüente naquelas estradas em sua função de oficial do Regimento da Cavalaria Regular da Capitania de Minas.

O outro, o peão, trazia enrolada no braço uma corda cheia de nós que usavam os medidores de terras, e nos ombros, trazia um pequeno saco de viagem. Era Antônio de Oliveira Lopes, morador no Arraial de Itajubá, e que fora a Vila Rica pagar seus "direitos" e tirar carta de medidor de sesmarias ou "piloto" como se chamavam os homens desse ofício. Apeou-se o Alferes, desarreou o machinho que ficou a triturar milho no embornal que se lhe pendurou à cabeça, enquanto os dois transeuntes entravam para a sala da estalagem assentando-se à mesa. Pendurado numa manceba, ardia um fumarento candeeiro de azeite de mamona, balançando a luz e movendo as sombras pelas paredes mal caiadas. O Alferes, que parecia continuar o assunto que viria tratando pela estrada, dizia ao companheiro, com grande entusiasmo, que nossa terra poderia ser uma república, porque tinha em si muitos gêneros para a sua subsistência como eram os algodões, muito ferro, ouro e diamantes e descrevia, com ênfase, as belezas do País e encarecendo a necessidade de sermos uma nação independente. O seu companheiro, enlevado com as palavras que ouvia, fincara os cotovelos na mesa e mergulhava o seu olhar no Tiradentes. Chegou João da Costa Rodrigues e estacou, também arrastado pelas palavras que cuvia do Alferes Joaquim José, que já descrevia o país libertado e feliz, todos entregues ao trabalho, amando-se e ajudando-se uns aos outros. No auge do entusiasmo, exclamou o arrebatado Alferes: "Já somos onze comprometidos para a libertação de nossa Pátria! . . ." Antônio de Oliveira Lopes que tinha a alcunha de o "Pouca Roupas", porque andava em quase farrapos, estendeu os braços para o Alferes e numa voz trêmula de emoção disse-lhe:

"Somos doze, porque também irei lutar pela nossa causa!"

João da Costa Rodrigues, com a toalha num dos braços e com o caldeirão do caldo na outra, descansou a carga sobre a mesa e pegando o Alferes pelo braço sacudiu-o dizendo: "Olhe, senhor Alferes, somos já treze, porque eu também irei lutar pela nossa terra. . ."

Depois foram dormir sonhando com aquelas coisas maravilhosas que o Alferes havia anunciado. Lá fora a noite estrelada cobria a terra de Minas, oprimida pela tirania, esperando a redenção de seus filhos no patriotismo dos que podiam lutar por ela. No dia seguinte, ao raiar da alvorada, os dois viajantes prosseguiram seu caminho. Cruzando com eles pela hora do almoço, apeou à porta da estalagem um sujeito rechonchudinho, trajando bem a acompanhado de um pagem.

Era o felizardo Coronel Joaquim Silvério dos Reis, homem prático, que não dava conta de fantasias e que só compreendia coisas sonantes, desde que fossem de metal precioso. Puxou conversa com João da Costa Rodrigues, esse contou-lhe ingênuamente a cena da véspera e pediu-lhe a adesão. Joaquim Silvério dos Reis prometeu-a, com aquele sorriso peculiar aos velhacos. . . Mas foi logo contar tudo ao Visconde de Barbacena, pondo ainda o tempero de maldade de sua alma torva e mesquinha.

O resto da história já se sabe. Tiradentes foi enforcado, esquartejado e um dos pedaços do seu corpo ficou pendurado diante dessa Estalagem da Varginha. João da Costa Rodrigues, metido em calabouços, foi depois mandado para o desterro em Moçambique. Antônio de Oliveira Lopes, foi preso em um rancho no alto da Mantiqueira, quando media terras e foi também degredado para Moçambique na África, onde morreu logo ao chegar, pois tinha de idade sessenta e cinco anos bem vividos, mas entrou para a História na Estalagem da Varginha. A casa caiu. A lembrança, porém, do episódio não desaparecerá nunca.

4. ROMANCE NA INCONFIDÊNCIA

Em 1782, chegava a Vila Rica, provido no cargo de Ouvidor o Doutor Tomás Antônio Gonzaga, que já se distinguira na magistratura em Portugal e tinha nome ilustre entre os Arcades do tempo. Poeta distinguido, ia juntar-se a Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga e outras altas figuras, que deram tanto renome à ilustre Vila do Ouro.

Tomás Antônio, embora de idade beirando a madureza, tinha a alma de adolescente, quando defrontava as coisas belas com que Deus floresce a vida humana, se a sabemos compreender e sentir.

Gonzaga foi morar na casa destinada à habitação dos Ouvidores, na ladeira que de Antônio Dias leva até a praça. Ao lado, residia a tia de uma formosa donzela de nome Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, nome de sua mãe, filha do Capitão Baltazar Mairink, de Auxiliares de Vila e antigo Tesoureiro da Junta de Fazenda.

Órfã de mãe aos quinze anos, foi com suas irmãs viver em companhia de suas tias, donas Tereza e Catarina e seu tio, o Coronel da Tropa Paga, João Carlos Xavier da Silva Ferrão.

Era no austero solar, do largo de onde parte a ladeira de Santa Efigênia e que defronta a igreja matriz de Antônio Dias.

Maria Dorotéia encantava a todos com sua beleza e pela graça de sua adolescência, educada com primor, cantando e executando, ao cravo, as mais belas árias da época.

Era a tia de Dorotéia casada com o Capitão de Cavalaria Luís Antônio Saião e suas filhas se divertiam com suas primas, em correrias e jardinagem, num belo rosal que Saião possuía no jardim de sua casa.

Numa manhã de abril — tinha Dorotéia quinze anos, — andavam as meninas a colher rosas no jardim quando, subitamente, feriu-se ela num dos dedos, de onde brotaram algumas gotas de sangue. Gritou assustada. Alguém que se achava ali próximo, espreitando as meninas, acorreu. Foi o Poeta-Ouvidor que, saltando o parapeito que dividia as propriedades, surpreendeu a donzela e suas primas com o oferecimento de socorros. Dirigiu-se a Maria Dorotéia, beijou-lhe carinhosamente a pontinha dos dedos e com o lenço de cambraia que trazia, envolveu-lhe delicadamente a mão. Trinta e oito anos tinha esse magistrado, que já conhecia do mundo todas as coisas que se dizem belas e talvez muitas das decepções que amargam a existência das criaturas humanas. Mas as almas privilegiadas costumam, às vezes, a encontrar o ideal supremo de beleza, capaz de dominá-las e exaltá-las aos cimos altíssimos do amor eterno, se alguma coisa há de eterno nas misérias desta vida.

Começou Gonzaga a recitar e a distribuir por Vila Rica os seus poemas a Marília. Quem seria essa Marília que ocultava o nome da musa do poeta, não foi mistério muito tempo, como não o foi, nem um instante, para Maria Dorotéia. Vila Rica conheceu, então, uma das mais belas fases de sua vida, perfumada com as líras nas quais a linda menina incendiava o coração do poeta magistrado, excitando-o a compor os poemas que se haveriam de immortalizar.

A família de Dorotéia dificultou, a princípio, esses amores.

Depois compadeceu-se com eles, o noivado se fez e o casamento foi marcado para o dia 30 de maio de 1789.

Mas aquelas gotas de sangue dos espinhos da roseira que haviam tingido o lenço de cambraia do poeta marcavam, simbolicamente, um destino trágico a esses amores;

Sonhara Gonzaga em sua Lira I:

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte,
De consumir os dois a mesma terra.

Na campa rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos que nos deram estes. . .

Fora a vitória do amor que arredara as resistências, as diferenças de idade, tudo aquilo que se contrapõe aos desejos mais legítimos das criaturas.

Mas o que podem tais oposições quando os corações se entrelaçam nos grandes amores que nascem de uma admiração recíproca?

Pois também em Vila Rica, as resistências caíram diante daqueles dois seres, entes predestinados a se consagrarem nas páginas da Arte e História, como duas criaturas de eleição que foram Maria Dorotéia e seu noivo Tomás Antônio Gonzaga.

Essa vocação para a eternidade, revelou-a o poeta quando se dirigiu à sua eleita nos versos da Lira 59:

Se encontrares louvada uma beleza,
Marília, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade
A tua formosura. . .

Assim foi. Na vida devemos sempre distinguir o efêmero do eterno. Foi o que compreendeu o poeta anunciando a sua amada:

Que belezas, Marília, floresceram,
De que, nem sequer, temos memória!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos ou a História.

Se não houvera Tasso nem Petrarca,
Por mais que qualquer delas fosse linda,
Já não sabia o mundo, se existiram
Nem Laura, nem Clorinda!

É melhor, minha bela, ser lembrada,
Por quantos hão de ir, sábios humanos,
Que ter urcos, ter coches e tesouros
Que morrem com os anos. . .

Maria Dorotéia soube compreender e amar a quem lhe assegurava essa imortalidade, que somente depende de forças acima das mediocridades humanas.

Nem as misérias, nem as calúnias, nem o fingido esquecimento com que a inferioridade tenta ocultar os grandes valores puderam contra a musa de Dirceu que conservou, para todas as gerações futuras, a frescura da mocidade, através dos seus oitenta e cinco anos de vida imaculada, toda ela dedicada ao culto da memória de quem lhe traçara o retrato definitivo e eterno na Lira 26:

Ora pois eu vou mostrar-lhe,
Um retrato mais perfeito;
Que ele já feriu meu peito,
Por isso, o conheço bem.

Os seus compridos cabelos
Que sobre as costas ondeiam,
São, que os de Apolo, mais belos,
Mas de loura cor não são.

Tem a cor da negra noite,
E com o branco do seu rosto,
Fazem, Marília, um composto,
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa a testa,
Arqueadas sobranceiras,
A voz meiga, a vista honesta
E seus olhos são uns sóis. . .

Aqui vence Amor ao Céu,
Que no dia luminoso,
O Céu tem um sol formoso
E o travesso Amor tem dois. . .

Enquanto essas almas enamoradas se entregavam aos devaneios que as levariam pelos séculos em fora, unidas e glorificadas no sacrifício e na beleza, o fogo iluminista lavrava sob os telhados de Vila Rica e a repressão régia o entregaria à História, com o título glorioso de Inconfidência de Minas Gerais.

Foram presos os conjurados de Minas. Tiradentes, o audacioso Alferes, já fora recolhido aos cárceres da Ilha das Cobras no Rio de Janeiro.

Gonzaga, que trabalhava com Cláudio Manoel da Costa na feitura da Constituição para a nova República que se fundaria no Brasil, depois de vitoriosa a revolução de Minas, foi preso, transportado para o Rio de Janeiro e metido numa escura prisão da Ilha das Cobras, onde já se encontrava o grande Alferes.

Marília recebeu o golpe com fortaleza de ânimo. Mandou dizer a seu amado noivo, recolhido àquela masmorra, que ele seguisse o seu destino e que ela lhe seria sempre fiel. Respondendo, mandou Gonzaga a Lira na qual se refere a essa jura de felicidade.

Abatido pelo sofrimento, humilhado na escuridão do calabouço, dirigiu então a Marília, nas serras distantes da Vila Rica, o triste canto no qual se retrata nesse instante amargo:

Já, já me vai, Marília, branquejando,
Loiro, cabelo que circunda a testa.
Este mesmo, que alveja, vai caindo,
E pouco já me resta. . .

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando.
Vai fugindo a viveza dos meus olhos,
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus membros já se gastam;
Vou dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pé e arrastam. . .

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim, me não pôs a mão dos anos;
Os trabalhos, Marília, os sofrimentos,
Causam os mesmos danos.

Depois vieram a Sentença da Alçada Régia, a longa viagem para o degredo no Oceano Índico, em Moçambique, onde o poeta, ao chegar alquebrado e doente, foi acometido das febres malignas, endêmicas naquelas regiões. Era outro homem que ali arribara. Enquanto deixava em Vila Rica a própria alma, Tomás Gonzaga via seu corpo em ruínas arrastar-se no deserto espiritual do degredo. Calou-se a Lira, para sempre. Morreria Dirceu. Que importância teria essa boa e inexpressiva Dona Juliana, que lhe puseram à cabeceira de enfermo e que depois passou para o leito conjugal, se ela fora, apenas um socorro material para um desgraçado?

Em Vila Rica, Marília sofria as torturas da saudade, mas ainda vivia de esperança de um dia juntar-se ao seu amado.

Da casa de Antônio Dias, ouviu os sons das trombetas do Regimento de Estremoz que escoltara os quartos salgados do Alferes Tiradentes, desde o Rio de Janeiro até os altos de Vila Rica, onde fincaram sua cabeça num poste de ignomínia que o Brasil haveria de transformar, mais tarde, no mais alto símbolo de sua virtude e grandeza.

Durante dez anos, os que ela calculava fossem os do degredo de Gonzaga, Marília afastou-se de Vila Rica, indo para a fazenda de seu pai, em Itaverava. . . Depois, ao completar-se o prazo que ela vira passar com angustiosa lentidão, requereu à Rainha de Portugal a necessária permissão para ir a Lisboa, onde julgava, poderia reencontrar-se com Gonzaga, que ela supunha lá fosse ter, expirado o tempo do seu exílio.

Foi quando soube que o seu adorado poeta se havia casado em Moçambique. Desistiu da viagem. Morta a esperança, começou, para ela, a tristeza eterna do abandono sem remédio.

Suas irmãs se foram casando, tendo uma delas cedido às seduções de um Dom Juan da época, sómente depois regularizando sua vida como mãe de família. Ficou Marília, só, na velha morada dos Ferrões em Antônio Dias. Entregue à mais profunda tristeza, acarinhada pelas pessoas de amizade, ela pôs luminárias em suas janelas, quando chegou a Vila Rica a notícia da Independência do Brasil em 1822.

Uma piedosa senhora, Dona Emília Pedreira, que conhecera Dorotéia e que com ela convivera em sua mocidade, deu a meu pai, Augusto de Lima, depoimento de relevância sobre a vida da donzela consagrada nos poemas de Gonzaga.

O tempo quase que fizera esquecer a velhinha de oitenta e cinco anos que, no dia 10 de fevereiro de 1853, foi sepultada na campa número onze da Matriz de Antônio Dias, de Ouro Preto.

Em 1955, graças à intervenção do Dr. Clóvis Salgado, então Governador de Minas, junto ao Ministro Cândido Motta, foram seus despojos transferidos para o Museu da Inconfidência, de onde estavam ausentes pelo escrúpulo de uns burocratas, que temiam um adultério de ossos. . .

Quem vive na recordação das pessoas de espírito e de coração, é a juventude eterna de Marília de Dirceu símbolo da beleza feminina, do martírio do amor, evolvida pela desgraça política do seu apaixonado Dirceu, o inconfidente Tomás Antônio Gonzaga.

Foi essa figura admirável que se eternizou nos versos de seu amante e que a inteligência das gerações fixou para todo o sempre, numa juventude eterna. Fonte perene da poesia, a mulher bela tem, em Marília, o protótipo das que são capazes de inflamar os corações exigentes dos poetas, de arrebatá-los às altas regiões dos sonhos, gravando nas almas, através dos tempos, as figuras imortais de suas amadas.

Assim Marília no esplendor de sua beleza e juventude ficou eterna na memória das gerações, pelos poemas de Dirceu. Tanto sofrimento e tanta poesia fizeram com que sua cidade natal ficasse impregnada de uma melancolia que lhe é peculiar, pela recordação constante dos amores de Marília e de Dirceu.

Falam deles os sons funéreos dos bronzes centenários, nos altos das torres enegrecidas das suas igrejas; o rumor soluçante das águas nos fundos dos vales penhascosos; o sopro impetuoso dos ventos nas gargantas das serras e o colorido embaciado de sua paisagem veneranda. Nas belas noites em que o luar acaricia a velha cidade das aventuras do ouro e das revoltas contra o despotismo e banha as suas escalavradas montanhas, instilando nas almas essa saudade vaga e inexplicável que se apodera da gente, não há ninguém que galgando as ladeiras desertas, olhando o vulto branco das capelas, escorrido pelo negrume dos anos, deixe de sentir um aperto no coração, recordando-se de Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, esse par de amantes que a glória consagrou em Marília de Dirceu.